



TRILHAS LEXICAIS E A REALIDADE DIALETAL BRASILEIRAS: ALGUMAS NOTÍCIAS



LEXICAL TRAILS AND THE BRAZILIAN DIALECT REALITY: SOME NEWS

LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS

ISAMAR NEIVA DE SANTANA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 31/07/2020 • APROVADO EM 17/10/2020

Abstract

In this article, some aspects related to the Portuguese Language lexicon are presented, regarding the Brazilian dialect areas. For this purpose, studies at the postgraduate level were used, from the database of the Atlas Linguistic Project of Brazil - ALiB Project, namely: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016) and Santos (2018). By means of this comparison, we seek to draw a brief lexical overview of the forms found, in order to highlight how Brazilian dialect borders are currently configured. Such studies are based on the dialectal division proposed by Antenor Nascentes (1953). The methodology used was based on: a) reading texts about the subject in question; b) formation of the *corpora*; and c) analysis of the *corpora*, with the aim of identifying how the answers of the informants can reveal aspects about the configurations of the dialectal areas. The results converge to the statement that, after 67 years, dialectal studies require a modern dialect division that photographs the delimitations of these boundaries. And it is suggested that, from the available instruments, it be done with data from the ALiB Project.

Resumo

Neste artigo, são apresentados alguns aspectos relacionados ao léxico da Língua Portuguesa, no que tange às áreas dialetais brasileiras. Para tal intento, foram utilizados os estudos em nível de pós-graduação, a partir

do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil — Projeto ALiB, a saber: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016) e Santos (2018). Busca-se, por meio desse cotejo, traçar um breve panorama lexical das formas encontradas, a fim de evidenciar como, atualmente, se configuram as fronteiras dialetais brasileiras. Tais estudos têm como ponto de partida a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953). A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos acerca do tema em questão; b) formação dos *corpora*; e c) análise dos *corpora*, objetivando identificar como as respostas dos informantes podem revelar aspectos sobre as configurações das áreas dialetais. Os resultados convergem para a afirmação de que, passados 67 anos, os estudos dialetais necessitam de uma divisão dialetal hodierna, que fotografe as delimitações dessas fronteiras. Sugere-se, pois, a partir dos instrumentos disponíveis, que seja feita com dados do Projeto ALiB.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Lexicon. ALiB Project. Dialect Areas.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Projeto ALiB. Áreas dialetais.

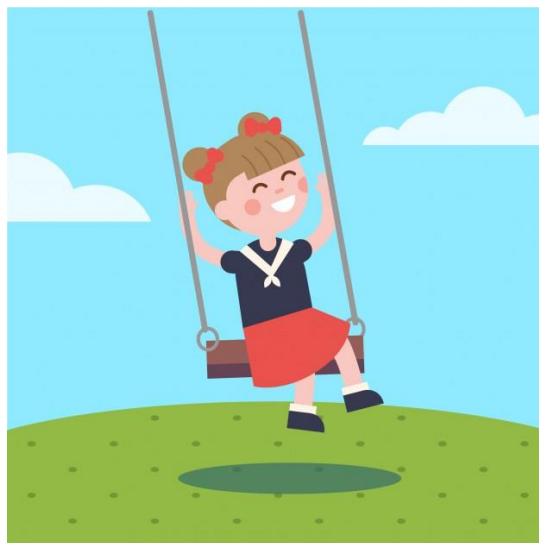
Texto integral

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

A história dos estudos dialetais brasileiros revela que o léxico sempre descortinou aspectos sobre a língua falada no Brasil. Tal afirmação pode ser comprovada por meio de obras que, de certo modo, são pioneiras e marcos referenciais, tais como **O linguajar carioca**, de Antenor Nascentes (1922/1953); **A língua do Nordeste** (1945 [1934]), de Mário Marroquim; e **O dialeto caipira** (1955), de Amadeu Amaral, dentre outras.

Seguindo a trilha lexical deixada por inúmeros trabalhos de cunho dialetal, este artigo apresenta um cotejo sobre denominações dadas para responder a questão 166, “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?”, que pertence ao campo semântico Jogos e Diversões Infantis, do Questionário Semântico-Lexical, QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35).

Figura 01: Criança brincando no balanço.



Fonte: Freepik. Disponível em: <https://br.freepik.com/vetores-gratis/menina-balancando-em-um-balanco-de-corda_1311396.htm>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Tal cotejo foi feito a partir dos dados de quatro estudos que utilizaram o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB –, com o intuito de examinar a divisão dialetal do Brasil, conforme a proposta de Nascentes (1953), a saber: a tese de doutoramento de Ribeiro (2012), e as dissertações de mestrado de Portilho (2013), de Santos (2016) e de Santos (2018).

As reflexões e as análises serão amparadas pelos princípios da Dialetoлогия, haja vista que, nessa perspectiva, a língua é vista como um fenômeno sucessível à variação e à mudança, que são condicionadas aos fatores intra e extralinguísticos. Também, pelo prisma dessa ciência, é possível estabelecer áreas linguísticas comuns, por meio da observação de determinados fenômenos linguísticos, associando-os aos fatores sociais, históricos e culturais, assim, estabelecendo linhas demarcatórias, as chamadas isoglossas.

O presente artigo está subdividido em três partes, além das seções que introduzem e concluem, respectivamente, a saber: i) a seção em que serão abordadas as primeiras propostas de divisão dialetal do Brasil; ii) a seção que apresenta um sucinto resumo sobre a história do Projeto ALiB, a fim de demonstrar a relevância desse projeto para os estudos da língua falada no Brasil, sobretudo, para a delimitação de áreas dialetais; iii) e a seção que apresenta uma análise contemporânea dessa proposição de 1953, a partir dos estudos lexicais com dados do Projeto, por meio da questão QSL -166.

2 AS CONFIGURAÇÕES DIALETAIS DO BRASIL: LEGADOS DO PASSADO

Nesta seção, objetiva-se demonstrar a importância das delimitações dialetais para os estudos geossociolinguísticos brasileiros, uma vez que, atualmente, a proposição feita por Nascentes é tomada como ponto de partida, mesmo após 67 anos da publicação, em 1953, o que evidencia a carência de uma nova proposição, a

partir das atuais configurações socio-históricas. Além de se constituir como um antigo desejo dos dialetólogos brasileiros, conforme Amaral (1955):

Fala-se muito num "dialeto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões (AMARAL, 1955, p. 43).

Nesse sentido, pesquisas sobre as áreas dialetais brasileiras são de enorme importância, pois colaboram com a agenda de investigações sobre esses dialetos e/ou falares. Também, embora seja uma tarefa complexa, em virtude das dimensões continentais do Brasil, a caracterização das áreas dialetais vem sendo alvo de interesse pelos pesquisadores.

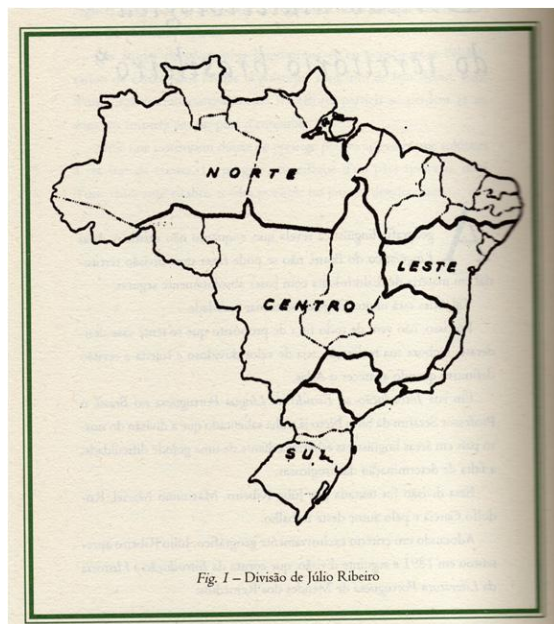
Neste artigo, a análise se centrará nas propostas apresentadas por Antenor Nascentes, em 1922, e reelaborada em 1953, na obra **O linguajar carioca**.

No entanto, destaca-se que, ao se debruçar sobre os estudos acerca das áreas dialetais brasileiras, notam-se algumas proposições, das quais podem ser citadas as de Júlio Ribeiro, em 1881; a de Maximino Maciel, em 1950; também, a de João Ribeiro, sem ano mencionado; e, por fim, a de Rodolfo Garcia, em 1915.

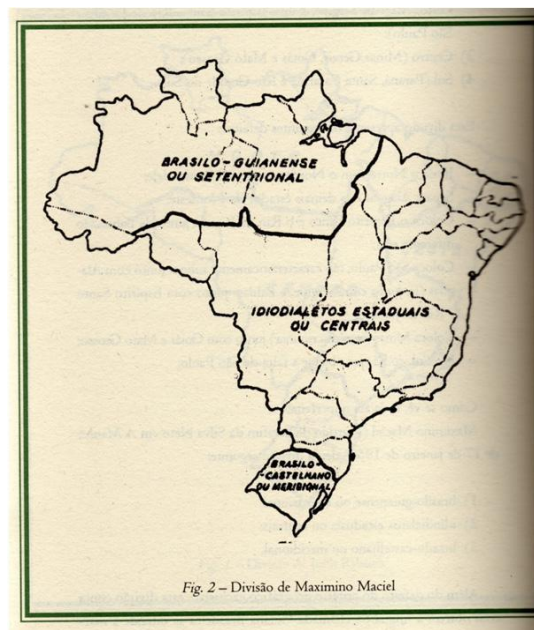
Apresentam-se, nas Figuras 2 e 3, as divisões apresentadas por Júlio Ribeiro e Maximino Maciel, respectivamente, ambas baseadas em critérios exclusivamente geográficos. Tais divisões receberam muitas críticas feitas por Nascentes.

Figura 02: Divisão dialetal proposta por Júlio Ribeiro, em 1881.

Figura 03: Divisão dialetal proposta por Maximino Maciel, em 1950.



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 692).



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 694).

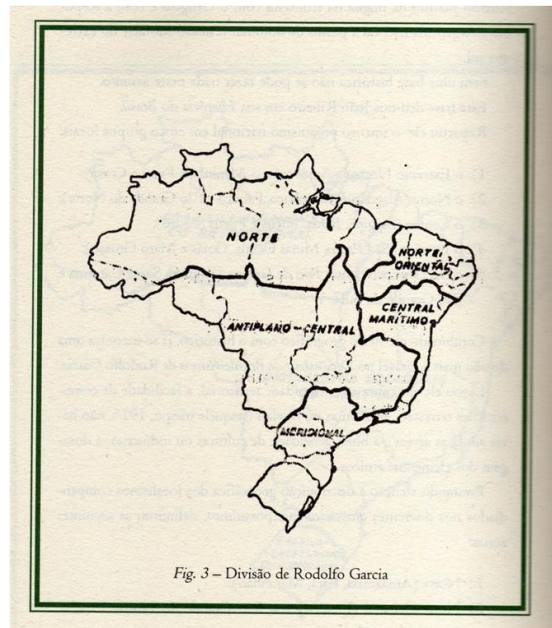
No que tange à proposta de Júlio Ribeiro, o Brasil se divide em quatro grandes áreas dialetais, Norte, Leste, Centro e Sul. Todavia, conforme Nascentes, há alguns defeitos, “[...] junta o Norte com o Nordeste... separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia...” (NASCENTES, 1953, p. 21).

A divisão de Maximino Maciel, por sua vez, apresenta uma divisão tripartida das áreas dialetais brasileiras: basilo-guianense ou setentrional; idioletos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional. Mas, também, recebeu críticas feitas por Nascentes, a saber: “[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idioletos? A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar” (NASCENTES, 1953, p. 21).

Com base em critérios históricos, João Ribeiro, na obra **História do Brasil**, sem data, separa o Brasil em cinco áreas: extremo norte – que se estende por Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceara; norte – tendo extensão por Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; centro – recobre as áreas de Sergipe, Baía, Ilhéus, e Porto Seguro; interior – extensão de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e, por fim, sul – que engloba o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O referido autor não apresentou um mapa com a divisão feita.

Ao observar aspectos históricos e geográficos, Rodolfo Garcia, em 1915, apresenta uma divisão, considerando, também, os aspectos culturais, os glossários com expressões locais e regionais, bem como a continuidade territorial e a facilidade de comunicações terrestres. A partir disso, apresenta cinco áreas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central, conforme Figura 4.

Figura 04: Divisão dialetal proposta por Rodolfo Garcia, em 1915.

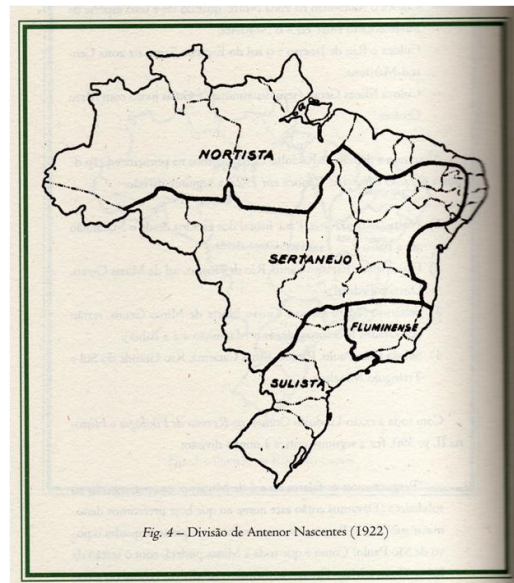


Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 696).

Essa proposição, segundo palavras de Nascentes (1953), é “uma divisão mais aceitável”, no entanto, também, apresenta alguns equívocos, tais como: “[...] Coloca o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; Coloca o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; Coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso” (NASCENTES, 1953, p. 21).

A primeira delimitação de Nascentes foi publicada em 1922, nela, o referido autor apresenta uma proposta que divide o Brasil em quatro falares: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista, levando em consideração a divisão de Rodolfo Garcia, em 1915.

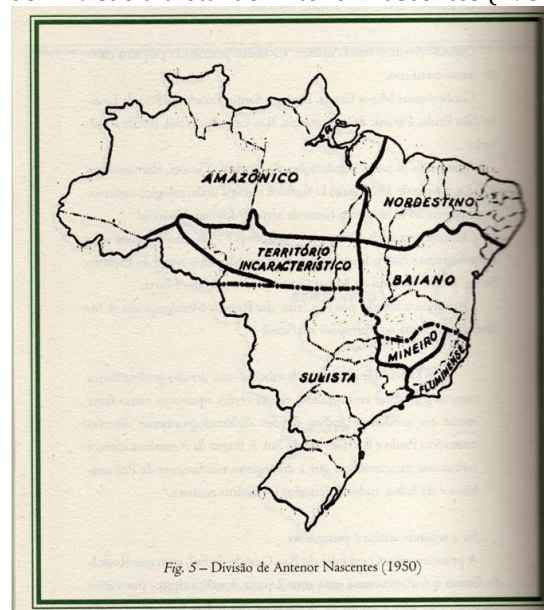
Figura 05: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922).



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 698).

Evidentemente, ao observar a divisão de 1922, algumas inconsistências são notáveis, tais como: a enorme extensão dos falares Nortista e Sertanejo, a divisão da Bahia entre dois falares, dentre outras. Essa divisão foi alvo de inúmeras críticas por parte de geógrafos e historiadores. Após atender “às justas ponderações de LINDOLFO GOMES” (NASCENTES, 1955, p. 217), Nascentes revisa a divisão de 1922 e, em 1953, publica novo mapa, como ilustra a Figura 6.

Figura 06: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

Conforme Figura 6, na proposição de 1953, após ter percorrido várias partes do país, o referido autor subdivide o Brasil em seis subfalares: Amazônico e Nordeste, compondo os falares do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território incaracterístico foi estabelecido, por, à época, ser despovoado. Nas palavras do autor,

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

Em 2018, Teles¹, por meio da sua tese de doutoramento, pontua que:

Resumindo, Antenor Nascentes, ao apresentar a divisão dialetal em O linguajar carioca (NASCENTES, 1953), seja através do "mapa", seja através da descrição dos limites, não ofereceu informações suficientes que permitam ao pesquisador assegurar por onde passam as linhas divisórias das regiões ou áreas dialetais, além do fato de algumas linhas registradas no "mapa" não corresponderem plenamente à descrição feita (TELES, 2018, p. 42).

Apesar da proposição nascentista, de 1953, ter completado mais de meio século, tem sido ponto de partida para os dialetólogos, que buscam atestá-la ou refutá-la. Em 2006, Mota, ao analisar tal divisão, afirma que:

Analisados os dados hoje disponíveis, verifica-se a necessidade de um maior conhecimento das áreas dialetais brasileiras, especialmente daquelas que ainda não dispõem de atlas regionais, assim como de uma amostra atualizada, recolhida simultaneamente, com a mesma metodologia e sob coordenação geral em todo o País, como a que se programa para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Somente a partir de amostra desse tipo será possível uma proposta cientificamente justificável de divisão do País em áreas dialetais (MOTA, 2006, p. 351).

Ao comparar as ideias apresentadas por Mota (2006) com as ideias apresentadas por Nascentes (1955), percebe-se uma convergência, uma vez que, nas palavras do autor, “Nosso trabalho, repetimos, não é e nem podia ser definitivo.

¹ A autora, com base em dados da Cartografia Automatizada, apresenta novos contornos para a divisão feita por Nascentes (1953).

Aguardemos o Atlas Lingüístico do Brasil (até quando?), para um trabalho definitivo” (NASCENTES, 1955, p. 99).

3 PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL

A história para a construção de um atlas lingüístico geral do Brasil é, de fato, marcada por uma trajetória de sonhos e personalidades. Idealizado a partir dos documentos oficiais – o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 e a Portaria nº 536, de 26 de maio de 1952 – o atlas nacional, no que tange à língua portuguesa falada no Brasil, só veio a ser possível devido aos vários caminhos trilhados pelos antigos e novos dialetólogos brasileiros, que vão desde a criação de uma base dialetológica, ilustrada pela decisão de mapeamento do território por meio dos atlas regionais / estaduais, bem como a sugestão dos pontos para tal atlas, feita por Nascentes em 1958.

Em 1996, durante a realização do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado na Universidade Federal da Bahia, que reuniu dialetólogos brasileiros e estrangeiros, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB)² ganha fôlego. *A priori*, com a criação de um comitê nacional, formado por autores de atlas regionais/estaduais. Por meio de reuniões, decisões metodológicas foram tomadas e, desse modo, a elaboração do atlas do Brasil foi sendo concebida.

O Projeto ALiB, seguindo critérios metodológicos rígidos e previamente estabelecidos, possui uma rede de pontos com 250 localidades brasileiras, considerando a densidade demográfica de cada estado/região; a sugestão de localidades para composição de um atlas lingüístico para o Brasil prevista em Nascentes (1958); os limites interestaduais e internacionais; bem como as características históricas e culturais. Desse modo, são 25 capitais, com exceção de Palmas e Brasília, por serem cidades relativamente jovens, e 225 cidades interioranas.

Os informantes estão distribuídos em duas faixas etárias – faixa I, dotada de informantes considerados mais jovens (18 a 30 anos); e a faixa II que constituída por informantes mais idosos (50 a 65 anos) – em dois sexos (homem e mulher) e com nível de escolaridade – fundamental incompleto (localidades do interior e capital) e superior (capitais). No total, são 1100 brasileiros, em número de oito pessoas por capital e quatro por localidade do interior.

O questionário ALiB (2001), utilizado nos inquéritos, se subdivide em sete partes distintas, que são responsáveis por retratar várias perspectivas de estudos, tais como o fonético, o semântico-lexical, o morfossintático, o pragmático e os discursivos: Questionário Fonético-Fonológico – QFF – (159 questões com mais 11 de prosódia); Questionário Semântico-Lexical – QSL – (202 questões); Questionário Morfossintático – QMS – (49 questões); Questão de Pragmática – QP – (04 questões); Temas para Discurso Semi-dirigido – TDS – (04 questões); Perguntas

² Mais detalhes sobre a história do Projeto ALiB encontram-se na vasta literatura produzida pelos pesquisadores do referido projeto, disponível no site Disponível em: <https://alib.ufba.br/> Acesso em: 28 jul. 2020.

Metalinguísticas – PM – (06 questões); Texto para Leitura – LE – (Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado).

Após anos de pesquisa de campo, iniciada em 2001 e concluída em 2013, e enfrentamento de inúmeras adversidades, o tão sonhado desejo se cumpre, com a publicação dos dois primeiros volumes do **Atlas Linguístico do Brasil** (CARDOSO *et al.*, 2014). Tal marco, além de histórico e de enorme relevância para a Dialectologia brasileira e mundial, tornou-se, também, basilar para a história pessoal de muitos pesquisadores, pois os esforços feitos durante muitos anos foram recompensados por tão grande obra.

Felizmente, hoje, o Brasil já possui um atlas nacional, por ocasião do III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística – III CIDS – em outubro de 2014, em Londrina, no Paraná. Com a publicação dos dois primeiros volumes do **Atlas Linguístico do Brasil** (CARDOSO *et al.*, 2014), atlas pluridimensional, os estudos geolinguísticos brasileiros preenchem uma lacuna e cumprem um antigo desiderato. No volume 1, a Introdução, há textos dos pesquisadores do Projeto ALiB que apresentam a história de construção teórica e metodológica. No volume 2, encontram-se algumas cartas linguísticas, com dados das capitais.

No entanto, ainda, há muito a ser feito, pois, em fase de elaboração, o volume 3 conterà análises sobre as cartas do volume 2. Também, estão sendo projetados os volumes 4 e 5, que conterão estudos sobre as capitais, e os volumes 6 e 7, esses últimos com dados das cidades do interior (OLIVEIRA *et al.*, 2018). Desse modo, o Projeto ALiB, por meio de um banco de dados vasto e rico, possui um material grandioso para, de certo modo, ser explorado, por meio de trabalhos monográficos e/ou por cartas linguísticas, em perspectivas diversas, nos mais variados níveis da língua, a fim de caracterizar o português falado no Brasil.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS LEXICAIS DO PROJETO ALiB: LEGADOS DO PRESENTE

Ao observar os dados do Projeto ALiB, a fim de testar áreas dialetais, buscase, a partir de dados coletados *in loco*, traçar um panorama mais atual das fronteiras dialetais brasileiras. Tal objetivo vem sendo perseguido por pesquisadores do referido Projeto, e inúmeros trabalhos vêm figurando na tentativa de descortinar os atuais contornos do português brasileiro. Citam-se, nesse sentido, os trabalhos de Ribeiro (2012); de Portilho (2013); de Romano (2015); de Cardoso (2016); de Santos (2016) e de Santos (2018).

Para o estudo ora proposto, quatro desses trabalhos terão parte de seus dados cotejados: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016) e Santos (2018), uma vez que elas utilizaram o mesmo conjunto de questões, que pertencem ao campo semântico dos jogos e das diversões infantis³, do QSL do Projeto ALiB.

Neste artigo, como já dito na seção introdutória, serão utilizados, apenas, os dados linguísticos fornecidos para a questão 166: “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e

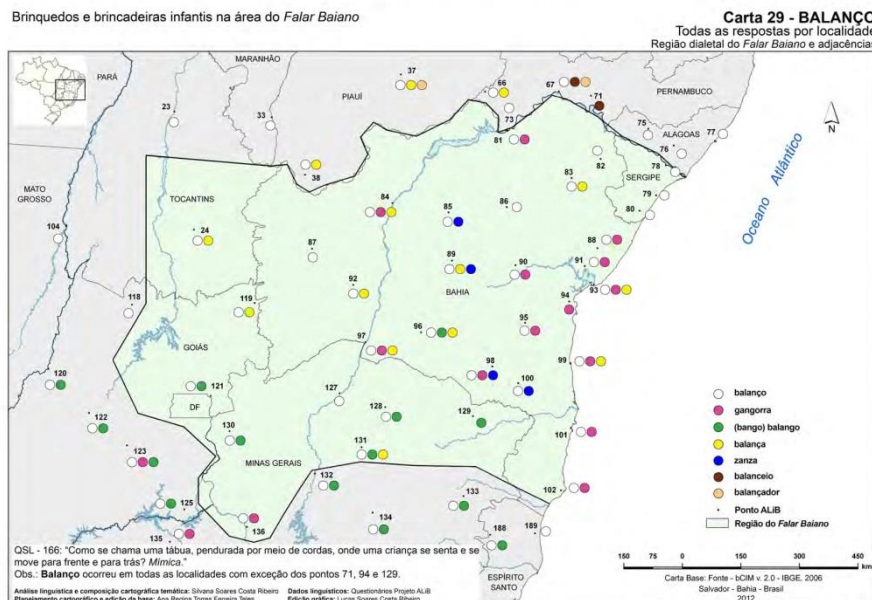
³ O campo semântico dos jogos e diversões infantis é composto por 13 perguntas.

para trás?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 35). Desse modo, tais trabalhos serão apresentados seguindo a ordem cronológica.

O *falar baiano* investigado por Ribeiro (2012), pertence à porção Sul, conforme divisão de 1953 feita por Nascentes. Primeiro estudo sobre áreas dialetais, no âmbito da pós-graduação, a partir dos dados do Projeto ALiB, a pesquisa de Ribeiro (2012) instaura uma metodologia que, de certo modo, serviu de base para uma série de investigações posteriores. Foram utilizados os dados de 244 informantes, em 57 localidades, contemplando toda área do *falar baiano*, mais os pontos de controle.

As respostas documentadas, para a questão ora analisada, por ordem de produtividade, foram, conforme Figura 7, *balanço* (60,8%), em seguida, *gangorra* (14,3%), *(bango) balango* (11,0%), *balança* (6,2%), *zanza* (3,7%), *balanceio* (1,8%), *balançador* (0,7%) e, por fim, um agrupamento com as *respostas únicas* (1,5%).

Figura 07: Carta Balanço na área do Falar Baiano



Fonte: Ribeiro (2012, p. 522).

Sobre o traçado feito por Nascentes, em 1953, ao concluir o estudo, a referida autora afirma que:

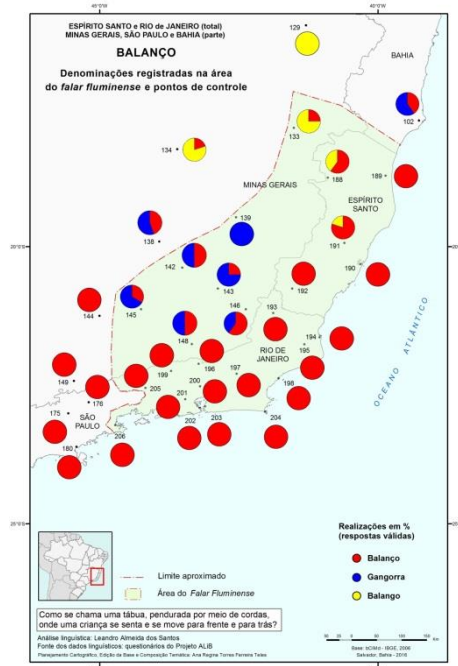
A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade* na *unidade* (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Portilho (2013) buscou verificar a vitalidade do *falar amazônico*, utilizando a fala de 128 informantes, de 26 localidades. Para a pergunta 166, foram encontrados alguns itens lexicais: *balanço* (84,5%), *balançador* (5%), *embalo* (3%), *balancinho* (2%), *barquinha* (2%) e oito formas em *ocorrências únicas* (6%). A autora não apresentou a carta linguística para a pergunta ora analisada. Para o *falar amazônico*, concluiu Portilho (2013):

Pelo exposto, pode-se afirmar que, apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil. [...] Estudos mais amplos envolvendo as demais áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) poderão ratificar ou retificar as conclusões obtidas a partir dos dados lexicais examinados (PORTILHO, 2013, p. 138-139).

Santos (2016) analisou as fronteiras dialetais do *falar fluminense*, ao utilizar dados de fala de 152 informantes, em 35 localidades. Para a pergunta 166 do QSL, foram documentados três formas mais produtivas, *balanço* (74,7%), *gangorra* (15,6%), *balango* (9,1%) e *outras formas* (0,6%), conforme Figura 8.

Figura 08: Carta Balanço no Falar Fluminense.



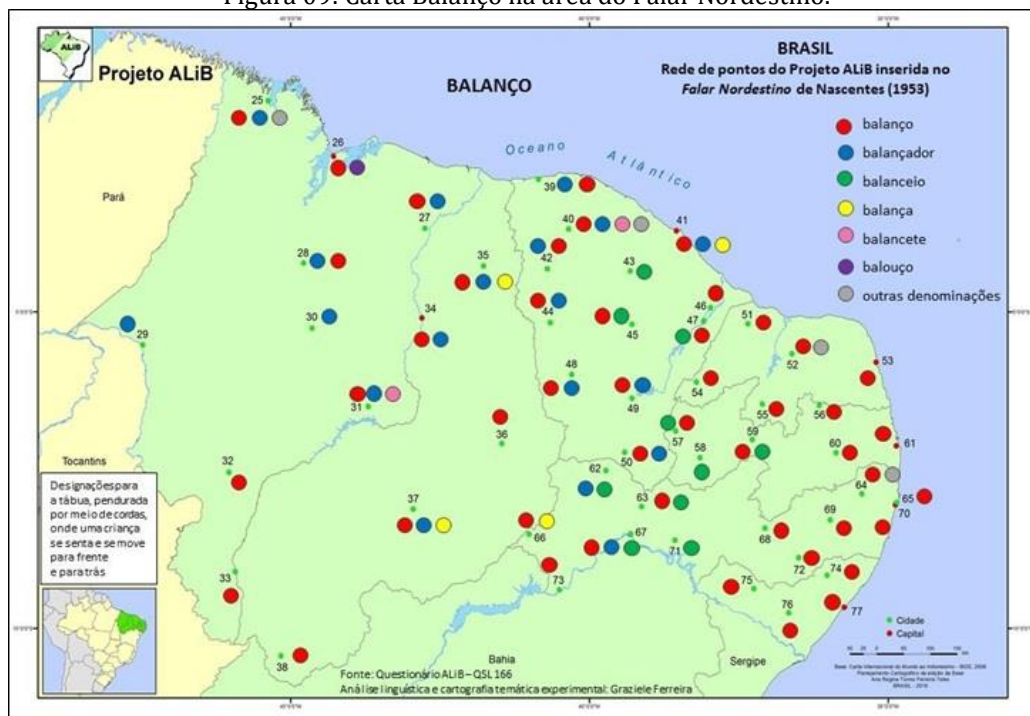
Fonte: Santos (2016, p. 177).

A respeito da atualidade da proposta de Nascentes (1953), Santos (2016) constata que:

É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao cotejar os dados das pesquisas alibianas (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal (SANTOS, 2016, p. 189-190).

Santos (2018), ao examinar os contornos do *falar nordestino*, utilizou dados de fala de 240 informantes, de 53 localidades. Para a pergunta ora analisada, foram documentadas algumas formas, tais como: *balanço* (68,8%), *balançador* (16,9%), *balanceio* (8,9%), *balança* (2,1%), *balancete* (0,8%), *balouço* (0,8%) e formas agrupadas em *outras denominações* (1,7%), conforme Figura 9.

Figura 09: Carta Balanço na área do Falar Nordestino.



Fonte: Santos (2018, p.189).

Após análises gerais, as conclusões da pesquisa apontam para:

A heterogeneidade linguística demonstrada na área examinada comprova a hipótese admitida na Introdução: a proposta de divisão dialetal de Nascentes, datada de 1953, para a área do *Falar Nordestino*, não corresponde, atualmente, à realidade linguística observada, considerando o campo semântico dos *jogos e diversões Infantis* nos dados do Projeto ALiB e uma descrição baseada no léxico. Entende-se, dessa forma, que é preciso ampliar a investigação na área do *Falar Nordestino* através da testagem analítica com outros campos semânticos do questionário do Projeto ALiB, buscando identificar com precisão a norma lexical da região [...] (SANTOS, 2018, p. 201).

Ao comparar esses quatro estudos, que contemplam pontos que estão localizados dentro dos falares do Sul e Norte (NASCENTES, 1953), notam-se aspectos importantes, a saber: a) a forma lexical *balanço* é a predominante em todas as áreas investigadas; b) uma grande produtividade de itens lexicais nas áreas do *falar baiano*, *falar amazônico* e do *falar nordestino*, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Cotejo das formas encontradas nos quatro estudos.

Falar	Formas encontradas	Ocorrências únicas
Baiano (Ribeiro, 2012)	Balanço, gangorra, (bango) balango, balança, zanza, balanceio, balançador.	balancete, rede, trapesso, balonguê.
Amazônico (Portilho, 2013)	balanço, balançador, embalo, balancinho, barquinha.	trapézio, cadeira de balanço, balanço de corda, balancê, cadeira de embalo, embalador, jamarrô, pau de arara.
Fluminense (Santos, 2016)	balanço, gangorra, balango.	rede.
Nordestino (Santos, 2018)	balanço, balançador, balanceio, balança, balancete, balouço.	barquinha; balangute; cadeirinha; vai e vem.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Ademais, pelas análises empreendidas neste estudo, portanto, a identificação de áreas dialetais é notável a partir do prisma da divisão dos dois grandes grupos de falares, Norte e Sul, uma vez que, no que tange ao falares do Sul, há formas peculiares, tais como as formas *gangorra*, *balango* e *rede*, que se apresentam como variantes para *balanço*, em duas áreas: *falar baiano* e *falar fluminense*.

Atentando-se para as particularidades dos falares do Norte, a forma *barquinha* foi documentada somente nas áreas do *falar amazônico* e *falar nordestino*; também, as formas derivadas de cadeira (*cadeirinha*, *cadeira de balanço* e *cadeira de embalo*), embora encontradas como ocorrências únicas, podem dar indícios de uma área específica de circulação dessas formas lexicais.

Outro aspecto notável é que, embora a forma *balançador* tenha sido catalogada também no *falar baiano*, área de transição entre os dois grandes grupos, nos falares do Norte, ela aparece como a segunda resposta mais encontrada no universo linguístico dos informantes.

4 À GUIA DE PALAVRAS FINAIS

Sabe-se que, os intentos para uma proposição de divisão dialetal do Brasil é uma tarefa árdua, além de muito desejada pelos pesquisadores brasileiros, sobretudo, os dialetólogos. Ao considerar os caminhos feitos pelos estudiosos vanguardistas, a divisão de Antenor Nascentes, feita em 1953, ganhou grande vulto e, até então, vem servindo de parâmetros para as pesquisas contemporâneas.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, portanto, se constitui como um importante e valioso instrumento para os estudos da língua falada no Brasil, no que tange à língua portuguesa. Por meio desse grande empreendimento nacional, com amplo banco de dados construído a partir de critérios metodológicos uniformes, pode-se, atualmente, caracterizar alguns aspectos dialetais de norte a sul do país, tais como nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. Além disso, como apontado por Nascentes (1955), os dados do atlas nacional poderão noticiar os atuais limites dialetais brasileiros, uma vez que, tendo passado 67 anos desde a última proposição feita pelo referido autor, os estudos dialetais, ainda, carecem de uma nova divisão e um novo mapa dialetal.

Percorridas as trilhas lexicais de *balanço*, muito embora não se possam ser traçadas áreas dialetais utilizando um único item lexical, o presente artigo apresentou aproximações possíveis dos falares que coincidem com as aproximações geográficas, como por exemplo, as formas, *gangorra*, *balango* e *rede* que podem ser consideradas como formas de aproximação entre o *falar baiano* e o *falar fluminense*, assim como *balançador* está para os falares *amazônico*, *baiano* e *nordestino*, e *barquinha*, *cadeirinha*, *cadeira de balanço* e *cadeira de embalo*, apenas, para os falares *nordestino* e *amazônico*. *Balanço*, porém, é a forma presente em todos os falares analisados, o que pode ser compreendido pelo viés da socio-história das localidades, uma vez que a ocupação das terras, inicialmente, se deu no litoral, com posterior expansão para demais partes do território, devido aos vários ciclos econômicos.

Logo, afirma-se que é hora de uma nova divisão dialetal para o Brasil. A partir dos materiais linguísticos coletados pelos pesquisadores do Projeto ALiB, sejam nas cartas publicadas no atlas, sejam nos trabalhos de pós-graduação. Sugere-se que, por meio de uma metodologia única, os resultados conclusivos das pequenas áreas linguísticas sejam comparados, a fim de que se tenha, tão logo, um mapa dialetal contemporâneo e que, de fato, seja um marco referencial para novos estudos, em diversas perspectivas de análise, sobre a língua falada no Brasil.

Referências

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

CARDOSO, Suzana Alice M. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranhábia Barbosa. (orgs.) **Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Londrina: Eduel, 2016, p.33-48.

CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo, Nacional, 1934. Mendonça, 1922.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.). **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Orgs.). **Documentos 2**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Süsskind de Mendonça, 1922.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS** - Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.

OLIVEIRA, Josane Moreira de; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de português. **Revista Tabuleiro de Letras** (PPGEL, Salvador, online), vol.: 12; n. 03, dezembro de 2018.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.** 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”.** 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.** 2015. 402f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.** 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. **O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste.** 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes.** 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

Para citar este artigo

SANTOS, L. A. dos; SANTANA, I. N. de. Trilhas lexicais e a realidade dialetal brasileiras: algumas notícias. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 221-238.

Os Autores

LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Língua e Cultura, pelo referido Programa. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, pela UFBA. Licenciado e Bacharel em Letras Vernáculas, pela UFBA..

ISAMAR NEIVA DE SANTANA é Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (2017). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

da Universidade Federal da Bahia (2010-2012). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (2005-2009).